

GALERIA REPUBLICANA

PROPRIETARIO — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Antonio Furtado, Anselmo Xavier, B. Machado, Bernardino Pinheiro, Costa Goodolphim, Fernando Leal, Gomes Leal, G. Benevides, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Reis Damaso, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 8

Abril — 1882

1.º anno

LOUIS BLANC

Se admiramos o talento sob qualquer fórma que elle se nos revele, se consagramos sincera estima aos que fazem progredir a sciencia, ou aos que contribuem pelas suas descobertas e pelos seus inventos para augmentar a somma de bem-estar social, é mais do que admiração e estima o que tributamos aos rarissimos homens de caracter e de convicções inabalaveis. Por estes, que, desde que entram na vida até que cahem prostrados pela morte, não se desviam um só passo da linha recta, traçada pela consciencia á sua conducta, por estes sentimos profunda veneração. Louis Blanc é uma d'estas individualidades rarissimas, que no espaço de meio seculo não transigiu uma só vez, nem mudou de opiniões.

Nasceu a 23 de outubro de 1813, em Madrid, sendo filho do inspector geral das finanças do rei Joseph Bonaparte, e de Estelle Pozzo di Borgo. Seu avô paterno morrera na guilhotina, condemnado pelo tribunal revolucionario. Louis Blanc passou os primeiros annos na Corsega, veio a Paris em 1820, partindo em seguida para Rodez com seu irmão Charles, para seguir ali os seus estudos. Aos 16 annos regressou para a companhia de seu pae, que sendo pensionista da lista civil se viu arruinado com a queda dos Bourbons, não podendo auxiliá-lo nos seus primeiros passos. Louis e Charles, foram re-

commendados por seu tio Ferri-Pisani, ao embaixador da Russia em Paris, ainda parente de sua mãe. Este perguntou a Louis Blanc o que preten-



LOUIS BLANC

dia fazer. Com o seu ar timido de criança debil, mas com bastante firmeza, respondeu que queria trabalhar e que precisava dos seus conselhos e do seu apoio. O embaixador disse não poder ajudá-lo e mandou entregar-lhe um sacco de mil francos.

Louis Blanc, sentindo-se ferido por esta dadiua, deixou o dinheiro sobre a mesa e sahiu, arrastando comsigo seu irmão. Era a primeira manifestação do homem digno e superior que depois se revelou.

Começou então para o futuro revolucionario a luta pela existencia. Lecionava mathematicas; e era com o producto das lições e com uma modica pensão de seu tio que se sustentava a si e a Charles Blanc. Pouco depois, fallhando as lições, empregou-se n'um escriptorio de advogado e mesmo fez-se repetidor no lycee Jubé. Em 1832 partiu para Arras, como preceptor, e ahi viveu dois annos inteiramente entregue ao estudo e em frequente contacto com os operarios. Foi n'esse meio, na presença constante da miseria e dos soffrimentos da classe proletaria, que Louis Blanc pensou no porvir do operario e começou a formular as suas generosas utopias socialistas. Espirito poetico e intelligente, estreitou-se então na imprensa, escrevendo um poema romantico, que foi premiado pela Academia de Arras, e collaborando em jornaes de propaganda avançada. De volta a Paris, foi admittido na redacção do jornal democratico *Le Bon Sens*, e aos vinte e tres annos era o redactor principal d'esta folha, em que defendia as suas ideias politicas e socialistas, advogando a causa da revolução social. Collaborava ao mesmo tempo na *Nouvelle Minerve* e na

Revue Republicaine e fundou, depois de abandonar *Le Bon Sens*, um novo periodico socialista sob o titulo de *Revue du Progrès*.

Um artigo publicado n'este ultimo jornal contra uma brochura de Bonaparte valeu-lhe um ataque cobarde que o deixou por morto n'um lago de sangue, mesmo á porta da sua habitação.

Felizmente Louis Blanc pode escapar d'este attentado e continuou a sua obra de propaganda e doutrinação dando a lume *l'Organisation du Travail*, famoso volume em que expõe as suas theorias do socialismo, e mais tarde a *Histoire de dix ans* e a *Histoire de la Révolution Française*, dois esplendidos trabalhos que contribuíram para a educação intellectual das novas gerações revolucionarias e socialistas. Não concordamos, devemos confessal-o, com as doutrinas utopicas e mais ou menos sentimentaes do sincero e consciencioso socialista, nem accéitamos egualmente os seus julgamentos sobre os factos e os homens da revolução e das epochas que se seguiram, mas nem por isso deixamos de reconhecer o seu elevado merito. Louis Blanc é um admirador e um sectario fervoroso de Jean Jacques Rousseau, cuja influencia se sente em todas as suas obras, e passa por um dos grandes prosadores francezes até mesmo pelo mais correcto dos escriptores no seculo actual; porém, segundo a nossa opinião, é demasiadamente rhetorico, e os seus livros, repassados de um espiritalismo deista e sentimental, tornam-se de difficil leitura para os cerebros acostumados á precisão e ao rigor dos processos positivos.

Em 22 de fevereiro de 1848 rebentou a revolução. A multidão ao redor do Hotel de Ville mostrava-se impaciente e soltava gritos revolucionarios. Dentro discutia-se calorosamente; os membros do governo provisório, nomeados pela camara dos deputados, e os eleitos por aclamação popular, pareciam não chegar a accordo. Louis Blanc acabou com todas as hesitações. Fardado com o uniforme de guarda nacional, subiu a uma mesa e n'um eloquente discurso proclamou a republica democratica e social. E este brado, saído do Hotel de Ville, foi acolhido com entusiasmo pelo povo agrupado nas ruas e nas praças. Lamartine, o antigo poeta dos reis, como lhe chamou Louis Blanc foi arrastado pela revolução ao primeiro logar; Ledru-Rolland, Armand Marrast, o operario Albert e outros, fizeram parte do conselho. O governo da revolução iniciou logo os seus trabalhos.

«Infelizmente, na ausencia de uma educação verdadeiramente publica, o imperio do preconceito monarchico sobre os quatro quintos da nação, a noite intellectual espalhada pelos campos, a fraqueza numerica do partido republicano, as recordações de 93 hypocritamente evocadas e desenhando no fundo das imaginações assustadas a Republica a traços de sangue,» como descreve Louis Blanc, não permitiam que fosse duradouro o regimen governativo que se acabava de fundar. Pois, como confessa o mesmo auctor, «no mez de fevereiro de 1848 a Republica estava mais na força das cousas do que nos progressos da opinião, era imposta mais pela logica da historia do que pela importancia numerica dos republicanos;» e, o que ainda era peor, «a maior parte dos departamentos eram ainda monarchicos; souberam da proclamação da Republica com uma especie de pasmo; reconheceram-a antes do que a aclamaram.»

Depois, entre os proprios membros do governo não havia unidade de ponto de vista, nem havia unidade de acção. Predominava o sentimento, onde era indispensavel o bom senso e a sciencia.

Na manhã de 25 de fevereiro, estando reunido o conselho, principiou a sentir-se um grande rumor que vinha de fóra, e entrou pouco depois um operario armado de uma carabina, que em nome do povo reclamou o direito ao trabalho. Louis Blanc levou-o para o vão de uma janella e ahi redagiu logo o decreto em que se reconhecia o direito ao trabalho, impondo-o em seguida aos seus collegas do governo. Elle e o operario Alberto constituíam a minoria, que apoiando-se no povo, obtinha successivamente o suffragio universal, o reconhecimento do direito do trabalho, o estabelecimento da propaganda socialista pelo poder, etc. etc. Louis Blanc oppõe-se á criação dos absurdos *ateliers* nacionais e procura substituil-os por associações productoras. Em 17 de março, a multidão popular offerece-lhe a dictadura, mas elle apenas se aproveita d'ella para abolir a pena de morte em materia politica. Foi eleito representante do povo por Paris e pela Corsega, mas na Assembléa nacional, consideravam-no como inimigo; como revolucionario, temiam o, e como socialista, procuram afastal-o do povo e tirarem-lhe a sua influencia. Segundo a opinião dos adversarios monarchicos, elle era o mais intelligente, o mais decidido, o mais serio de todos, quantos haviam tomado parte activa na revolução de fevereiro. Era isto o sufficiente para o odiarem. Em

15 de maio procuram invadir a Assembléa nacional uns sessenta mil cidadãos, que trazem uma petição a favor da Polonia. Louis Blanc sacelles ao encontro e deligencia detel-os, mas é conduzido em triumpho para dentro da sala. Esta sympathia publica pelo notavel socialista e a sua preponderancia politica desagradam aos seus collegas da Assembléa, que na noite de 25 de maio auctorisam perseguições contra elle. Um deputado da opposição monarchica consegue salvar-o e elle parte com Pyat e Dulcler para Londres. Republicano convicto, Louis Blanc, é obrigado a emigrar mesmo no tempo da republica! E' sempre esta a recompensa dos homens de caracter!

Louis Blanc só regressou a França em 8 de setembro de 1871. Viveu no exilio vinte e tres annos! Tentou voltar á patria depois do golpe de estado de 2 de dezembro para levantar os animos contra Napoleão, mas em breve teve de desistir da empresa, reconhecendo que seriam inuteis todos os esforços. Durante o exilio continuou a escrever a sua *Histoire de la Revolution Française*, publicou varias brochuras e collaborou assiduamente sob pseudonymos em varias folhas democraticas e em especial no *Rappel*.

Em 1871 Louis Blanc é eleito deputado por Paris, por 216:471 votos, sendo de todos o candidato mais votado. Tomou assento na extrema esquerda e ahi combateu a criação do senado, as attribuições monarchicas do presidente da Republica e outras medidas como estas, bem pouco democraticas. Louis Blanc tem sido, desde então, eleito sempre; e é o chefe do grupo intransigente. De apparencia debil e delicada, com um ar evangelico de pastor protestante, Louis Blanc possui no entanto uma tenacidade e uma firmeza realmente inquebrantaveis.

TEIXEIRA BASTOS.

A GOMES LEAL

Leal foi tua voz, ó rígido poeta,
Ao proclamar, alegre, a santa liberdade!
A tua penna d' aço, alfin tocando a meta,
Traçou a nova lei, a lei da igualdade.

Mostraste á rude plebe as podridões modernas!
E, trabalhando sempre, o teu pensar ardente
Accumulando vsi as idéas supernas
— Brillantes, d'um valor que não concebe a mentel—

Tu vaez abrindo a senda ás gerações futuras,
Aos filhos do trabalho, ás luctas impellidos
Por um dever sagrado! — Aos que andam ás escuras
Atelas-lhes o «facto...» e ficam «relucidos!»

Tens livros hã-de ser os Santos Evangelhos
Aonde os povos bons aprendam a sciencia
— A forte, immensa luz! — os limpidos espelhos
Aonde vae mirar-se a nobre consciencia.

Leal foi tua voz, ó rígido poeta,
Ao proclamar, alegre, a santa liberdade!
Trabalhas com ardor, com força d'um atleta,
Nas conquistas do Bem, da Luz e da Verdade!

Ó grande pensador, obreiro do progresso,
Teu nome faz brilhar as paginas da historia!
A tua voz anima o fraternal congresso
D'aquelles que te dão as palmas da Victoria!

Tu cantas, com paixão, as castas namoradas
Que dormem, já sem luz, nas cathedras sombras!
Do teu astro — Ideal! — surgem, immaculadas,
As notas matutinas, as ethereas poesias!

No peito teu de bronze, um rouxinol descerra
Um canto omnipotente! — É a tua alma grande
Que entoa a Marchaloca, o canto que na terra
Enleva as multidões e a liberdade expande!

PAULO SERRANO.

A MONARCHIA E A INSTRUÇÃO

É triste dizel o, mas é a verdade, em Portugal apenas 2 % dos seus habitantes deixam de ser analfabetos. Onde procurar a causa d'este grandissimo mal que amesquinha um povo?

A monarchia consumindo milhares de contos em proveito proprio, e carecendo de mais ainda, como se deprehende das palavras dos seus ministros, quando propõem no parlamento novos tributos ao povo já sobrecarregado de impostos vexatorios, ordenando-lhe com uma exigencia de usurarios o pagamento integral, não pôde de modo algum contribuir para o desenvolvimento da instrução popular.

Posto isto, não é só ao pouco amor dos governos monarchicos pela instrução, que se deve attribuir o fraco impulso dado a esta, mas sim tambem á sua impotencia e incapacidade.

Só o sustento da familia real leva-nos uma boa parte dos nossos recursos; bastaria o que ella absorve annualmente para termos um grande numero de escolas com professores bem remunerados.

Nas republicas a despesa com os presidentes não assusta nem ha esbanjamentos forçados. Na Suissa, por exemplo, paiz modelo, principalmente neste ramo de administração (o ensino do povo) a escola é tudo, os seus primeiros palacios são todos estabelecimentos de instrução.

Nas monarchias ha os esbanjamentos necessarios para a sua conservação; ha essas despesas invisíveis; a sua pesada machina absorve, para mover se, toda a actividade d'aquelles que se encarregam d'ella, limitando-se a acção politica aos zelos do *capediente*; ellas consomem, gastando sommas consideraveis, fabulosas, em *despesas secretas*, as receitas publicas, para se conservarem.

Ora, havendo tantas cousas em que

applicar os dinheiros dos pobres contribuintes, como ha de sobejar para a instrução popular, cujo atraso é deveras lastimavel?

O lento e tropeço progresso que o paiz tem feito, é pois devido unicamente á poderosa força immanente da monarchia. Conserva-a é conservar o mal, porque é conservar a causa do nosso lento caminhar. Elimina-a é o bem, é a unica condicção de progresso.

O governo da monarchia é anormal, complicado: só as instituições livres podem favorecer a instrução.

Só o grande principio do ensino primario obrigatorio é o meio mais seguro de se conseguirem rapidos e fecundissimos resultados; mas isto não poderá ser posto em pratica; não havendo dinheiro para a sustentação d'um pequeno numero de escolas, como apural-o para mantel-as em tal numero que toda a população ou a maior parte d'ella seja obrigada a aprender?

E como se poderá conseguir uma instrução util, séria, capaz, se o triste ordenado do professor, e esse ainda assim muitas vezes atrasado, faz com que só os ignorantes acceitem tão nobre cargo?

Basta-nos estas simples perguntas e curta exposição, para mostrarmos a impossibilidade da monarchia, e quanto ella pela serie de circumstancias fataes, que a rodeiam é incapaz de contribuir para o desenvolvimento da instrução popular.

A ignorancia é a miseria, a decadencia dos povos.

REIS DAMASO.

CONFRONTOS

A França tem desenvolvido a agricultura, augmentado o commercio e a industria, cultivado com esmero a sciencia e as artes, depois de ter pago em breve tempo sem contrahir emprestimos uma extraordinaria contribuição de guerra e hoje está rica e respeitada por todos os povos de saltares exemplos de boa administração.

Um ministro d'aquella incomparavel nação declarou na tribuna que a Republica Franceza os diminuirá, no curto espaço de dois annos, os impostos na importancia de 36:800:000\$000 réis.

Comparando este quadro risonho com o que se passa entre nós, calcule-se como deveremos detestar uma forma de governo que todos os annos augmenta os impostos, negocia tratadas como as de Lourenço Marques, que ainda hoje nos pertence

devido aos esforços do partido republicano, sem os quaes ha muito estaria entregue á nossa infiel aliada.

Feliz paiz, onde a divida cresce com a velocidade do raio e o deficit engorda de um modo assustador; onde se negociam tratados de commercio para arruinar as nossas industrias, onde se constroem campos de manobras cujas contas ainda ninguém viu e cavallariças reaes por 200 contos, e onde se perde o dinheiro da passagem d'um para outro ministerio.

Depois d'isto quem osará dizer que a monarchia não é um bem e a republica uma calamidade!?

J. BOAVENTURA.

O PROGRESSO

Não vês marchar o gigante?
D'uma luta esmagadora
hoje apparece triumphante
e já fita nova aurora...
Tem um lidar incessante!
A' oppressão jámais se inclina,
vae d'uma a outra ruina
mas sac sempre deslumbrante!

Desapparecem os annos,
e no abismo do desprezo
caem, em fim, com todo o pezo
os traidores e os tyrannos.
E o Progresso não desanca...
grande e terrivel avança
sempre, sempre a um mundo novo;
e quando o sangue o salpica
elle só se purifica
entre as lagrimas do povo!

O viver e o caminhar,
o trabalho co' a verdade,
são as leis da humanidade
e essas leis hão de vingar.

Por isso o bem é seguro!
Com tão valente soldado
basta saber-lhe o passado
para dizer-lhe o futuro.

GERMANO VENDRELL.

CHRONICA

O facto palpitante da actualidade — foi a vinda a Lisboa da insignè actriz franceza Sarah-Bernhardt.

O que é a arte, o que é o genio, meu amigo! Essa mulher franzina, delicadissima de corpo, de uma compleição aparentemente debil, com os seus louros cabellos n'um desalinho caprichoso, phantastico, teve o raro condão de trazer o bulicio, a vida, o movimento a esta cidade pacata e burguesa. Um delirio de todos os diabos! Que a sentimentalidade portugueza era susceptível de uma tísica galopante, sabiamol-o nós; mas

que fosse tambem susceptivel de se elevar até Sarah-Bernhardt, a diva — um sonho ou uma visão! — igno-ramol-o absolutamente.

Sarah esteve em Lisboa. Hurrah por Sarah, a judia...

Ella chegou ás sete horas e meia da manhã. Vinha com somno, aborrecida. Os genios tambem dormem, tambem se aborrecem; e, ó ceus! até ás vezes bocejam.

Na *gare* esperavam-n'a centenaes de pessoas. Ella era o sol que se erguia nos horisontes... do Gymnasio. Quem não gosta, ao menos uma vez na sua vida, de prestar culto a esse astro bom — o grande pae da vida, na phrase de Michelet. O diabo é quando começa a descer. Então os persas começavam á pedrada a elle — a elle que os tinha aquecido e alegrado! N'este mundo ha muito boa gente que não duvida virar-lhe as costas, quando elle toca o seu zenith, não se lembrando que, ou elle brilhe ou se esconda, sempre é elle — o sol, a luz, a vida suprema, o encanto da creação.

Por isso, de qualquer modo, ou Sarah esteja entre nós ou se tenha retirado já, sempre é *Ella!* uma immortal da arte e uma verdadeira se-reia do theatro.

As suas *toilettes* tocavam o cumulo... da elegancia. Damas gentis invejaram-lhe, por mais de uma vez, as attitudes incomparaveis, o olhar, ora meigo, ora tempestuoso, os vestidos riquissimos; as joias opulentissimas.

A proposito: não reparaste n'a-quella celebre pedra reluzente, que ella trazia na cabeça? Era a *lagrima de Victor Hugo*, o poeta, o nosso querido poeta, que lha offerecera na occasião que em Paris se realisou uma ceia para festejar a 100.^a representação do *Hernani*, a corôa artistica de Sarah.

É verdade: — o *Hernani!* que dirias tu de Sarah, meu amigo, se a tivesses visto, animada pelo sópro gigante de Victor Hugo, representando o *Hernani?* superior a tudo o *Hernani* — á *Dama das Camélias*, ao *Frou Frou*, a *Sphinge*...

Sarah-Bernhardt é tão cosmopolita como é encyclopedista. De manhã, ás 5 horas, monta o seu cavallo e dá uma volta ao Bois. Vem a casa, toma uma refeição, e pinta um

quadro ou acaba uma estatueta, que sahe formosa e completa das suas magicas mãos, como se sahisse de mão de fada. Põe o seu chapéu, e entra n'um balão, faz uma viagem aerea. Volta a casa e ensaia um drama, que se ha de representar á noite no meio de ovações e de applausos retumbantes.

Essa mulher sublime ou diabolica possui ainda a excentricidade de dormir n'um esquite, forrado de veludo, com uma luz no interior de uma caveira.

Tinhamol-a desenhado assim, phantastica, vaporosa, etherea, quando os jornaes nos annunciaram que Sarah tinha casado com um grego. Desillusão cruel! Essa mulher, que pertencia ao espaço, como uma andorinha, tinha casado...

Deixámos cahir a penna ao receber tão inesperado golpe. E o nosso desejo foi... (que o não ouça o sr. Arrobos e a sua policia!) procurar o grego e propor-lhe um duello de morte.

A mesma adoração por Sarah nos susteve. Se matassem o grego não mais a poderíamos ouvir. E d'esta maneira resolvemos não matar o marido d'este portentoso phenomeno.

Que elle — o marido — nos agradeça e nos perdoe.

SILVIO.

NOTAS DEMOCRATICAS

Alem das profundas reformas produzidas pelo energico ministro de D. José I, e que marcam na historia da civilização portugueza o principio d'uma epocha completamente differente da passada em que a realza e o jesuitismo de mãos dadas exploravam, a seu bel prazer, o povo portuguez, a secularisação do ensino e a expulsão dos jesuitas são os dois actos praticados pelo marquez de Pombal que, quanto a nós, constituem o verdadeiro motivo da adhesão do partido republicano á commemoração civica que por iniciativa da commissão academica se vae effectuar nos dias 6, 7 e 8 de maio proximo.

E o partido republicano portuguez não podia ficar indifferente ao appello dirigido ao paiz pelos estudantes, pois que se tratava d'uma festa nacional, patriótica e elle tendo sido sempre o primeiro a velar pela integridade e prosperidade da patria, não podia deixar de associar-se a uma festa tão civilisadora, d'uma tão alta significação social como é a commemoração do centenario do marquez de Pombal.

E o governo, com a sua opposição, com o seu isolamento, tem-a deixado tomar um caracter eminentemente democratico, porque é bastante que elle se opponha para o povo ver que aos interesses da realza e do jesuitismo não conveem essas manifestações, e todos sabemos que os interesses d'esses dous poderes são diametralmente oppostos aos do povo.

Que todos os que são patriotas, que são verdadeiros portuguezes cumpram n'esta conjunctura o seu dever e mostremos ao mundo civilizado que em Portugal ha ainda alguém que comprehende e sabe fazer justiça a quem trabalhou pela sua emancipação, a quem trabalhou por collocar este paiz em condições de aspirar e aceitar todos os resultados da Liberdade.

Os diversos centros republicanos já resolveram encorporar-se no grande prestito civico do dia 8 de maio, alguns contribuíram para o *Instituto do ensino livre*, a immorredoura obra que hade ficar d'este movimento nacional; alem d'isso muitas conferencias se teem realisado para preparar o espirito publico, para explicar por que é que se presta homenagem ao talento de Sebastião José de Carvalho e Mello.

Trabalhemos todos, e esforcemo-nos sobretudo para que esta commemoração tenha o caracter collectivo que deve ter, pois que esta gloria não é d'este ou d'aquelle partido, mas de todo o paiz.

— Por parte de varios centros da capital tem-se realisado saraus litterarios, cujo producto é destinado á sustentação das suas escolas que estão dando brilhantes resultados, graças ao methodo João de Deus, que n'ellas é seguido.

— O partido republicano e a litteratura portugueza soffreram a perda irreparavel de um dos seus mais distinctos membros, de Guilherme d'Azevedo, a que a *Galeria Republicana* já prestou a devida homenagem.

A. F.

EXPEDIENTE

A GALERIA REPUBLICANA para commemorar o primeiro centenario do grande estadista marquez de Pombal, publica um numero extraordinario impresso a cores, e com o retrato do grande vulto, o qual será posto á venda no dia 6 ou 7 do proximo mez, pelo preço de 100 réis e para os srs. assignantes 50 réis.

Condições da assignatura

LISBOA	
24 numeros.....	960
PROVINCIAS E ILHAS	
Anno ou 24 numeros.....	1\$000
Avulso 50 réis, e 15 dias depois da publicação 100 réis.	
BRAZIL	
Anno ou 24 numeros, moeda forte.	2\$400
Avulso.....	150

As assignaturas são pagas adiantadamente, sem o qual não se satisfaz pedido algum.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador e proprietario da GALERIA REPUBLICANA, João José Baptista, Largo do Passaio Publico, 17, Tabacaria Victor Hugo.

No proximo numero damos o retrato de Francisco Maria de Sousa Brandão.